

O IMPACTO DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS NA ADULTIZAÇÃO DAS CRIANÇAS.

Anna Gabrielly dos Anjos Colares¹
Madison Rocha Ribeiro²

RESUMO

É notório que a internet oferece muitos benefícios, como comunicação rápida com pessoas que conhecemos e até mesmo que não conhecemos e acesso à informação de diversas vertentes de assuntos, mas também, apresenta riscos, especialmente para as crianças quando o consumo dela se torna excessivo na vida delas. Desta forma, o presente trabalho analisa “os impactos das redes sociais” na vida das crianças e como isso reflete nos seus comportamentos sociais e expectativas de vida, por meio do uso excessivo de conectividade nas redes sociais. O problema da pesquisa foi respondido por meio de uma pesquisa bibliográfica, com base em coleta de dados em artigos acadêmicos, livros, legislações importantes como o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA). O estudo fundamentou-se nos discursos sobre a Adultização Infantil da Psicóloga Guedes (2023), Aguiar, Araújo, Niebuhr (2019), Heywood (2004), Buckingham (2007) e Martins (2019) que contribuíram de forma significativa na narrativa e afirmação dos impactos gerados pelo uso excessivo das redes sociais. A presença das redes sociais no cotidiano de crianças e adolescentes tem gerado discussões científicas sobre os impactos no desenvolvimento cognitivo e principalmente nas interações sociais. O ambiente digital passou a integrar-se cada vez mais à vida cotidiana das pessoas, incluindo a das crianças. Esse fenômeno tem provocado mudanças no comportamento infantil, resultando em uma “adultização” precoce. A interação digital tem moldado os valores e desejos das crianças, afetando suas preferências, expectativas de consumo e a construção de sua identidade, frequentemente influenciadas pela pressão social das redes sociais. Diante desta realidade constatada, busca-se que haja comunicação entre os pais/responsáveis, comunidade escolar e a política, em defesa do desenvolvimento das crianças, para que possam ter a experiência de viver suas “fases” sem interferência significativa do mundo digital.

Palavras-chave: Crianças, Infância, Redes Sociais, Impactos, Adultização.

INTRODUÇÃO

A internet traz consigo uma série de benefícios, e é amplamente reconhecido que a era digital se tornou uma parte integrante do cotidiano. Estamos constantemente conectados, seja por meio de fones de ouvido, ouvindo músicas que “animam” nosso dia, interagindo com fotos nas redes sociais, seja curtindo ou comentando imagens de pessoas que seguimos, ou ainda respondendo a mensagens no WhatsApp ou Facebook. A conectividade é constante, e as mídias sociais oferecem diversas vantagens, como a comunicação rápida e o acesso à informação. No

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, colaresgaby871@email.com;

² Madison Rocha Ribeiro: Doutor em Educação, Faculdade Pedagogia - UFPA, madisonribeiro@gmail.com

entanto, também é fundamental destacar os potenciais malefícios dessa conectividade diária, especialmente no que diz respeito às crianças.

É cada vez mais comum observarmos, em almoços de família ou em festas infantis, crianças reunidas, não necessariamente interagindo de maneira física, mas muitas vezes "brincando" por meio das telas de smartphones ou outros dispositivos eletrônicos. Nessas situações, a navegação nas redes sociais, mesmo em perfis monitorados pelos pais, tem se tornado uma prática frequente. É relevante questionar o impacto que o consumo de conteúdo digital tem sobre as crianças, considerando os efeitos a curto e longo prazo no seu comportamento, nas suas emoções e nos seus desejos.

Guedes (2023) concluiu que:

“São estímulos a comportamentos que destoam da sua idade cronológica e emocional, promovendo a aceleração das fases do desenvolvimento infantil, sem que se tenha a vivência, por falta de estimulações adequadas para a idade. O que leva as crianças a entrarem na realidade dos mais velhos sem reservas emocionais ou sem o desenvolvimento físico e psicológico adequados para viver essas experiências que não são reais, pois são do mundo do adulto” (pág 30-31).

A presença das redes sociais e da internet no cotidiano de crianças e adolescentes tem sido amplamente discutida no âmbito científico, especialmente considerando os impactos no desenvolvimento cognitivo e nas interações sociais. Sabe-se que, durante a infância e

adolescência, os indivíduos passam por um processo crucial de formação da personalidade, do conceito de realidade e da compreensão de sua sociedade. Esses processos são moldados, em grande parte, pelas interações sociais e pelos ambientes em que os indivíduos estão inseridos.

Com o surgimento da internet no final dos anos 1960 e sua posterior liberação para uso privado e comercial, o mundo virtual passou a ocupar um espaço cada vez maior na vida das pessoas. A partir de 1988, com o crescimento da rede mundial de computadores, o acesso à internet se expandiu de forma significativa, e as crianças, assim como os adultos, passaram a navegar e a interagir em ambientes digitais. Desta forma, cada vez as percepções nas atitudes comportamentais das crianças foram sendo observadas, comportamentos que não condizem com as suas idades, ou seja, a denominada “adultização infantil”.

O comportamento das crianças pode ser significativamente moldado pelas interações digitais, e as mudanças no que elas valorizam e desejam podem ser observadas nas suas atitudes

cotidianas. A pressão social imposta pelas redes sociais, mesmo de maneira sutil, pode afetar suas preferências, expectativas de consumo e até mesmo sua percepção de identidade.

Hoje é comum encontrar crianças conectadas as redes sociais, assistindo alguns conteúdos não apropriados para idade por exemplo as crianças sonhavam com presentes como carrinhos ou brinquedos específicos no Dia das Crianças; no entanto, com a exposição constante a influências digitais, seus desejos e expectativas têm mudado, refletindo o conteúdo que consomem.

METODOLOGIA

A relevância desta pesquisa fundamenta-se em uma abordagem abrangente e descritiva, que busca compreender/identificar os impactos das mídias digitais especialmente nas redes sociais como Instagram, tik tok, youtube e Facebook, no processo de adultização infantil. Para atingir os objetivos realizou-se uma pesquisa bibliográfica com base em artigos acadêmicos, livros, legislações importantes como o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) e o marco legal da internet, além de materiais encontrados por meio de ferramentas como google acadêmico. É relevante ressaltar que esta pesquisa deu o seu primeiro passo por meio de muitas inquietações perceptíveis no comportamento de crianças quando estão conectadas as telas e qual a interferência das telas nesse comportamento demonstrado por elas. Assim, é importante destacar que a Adultização infantil aponta para os desafios em contextos específicos, como descreve Vygotsky (2007, p. 89) o desenvolvimento infantil está diretamente ligado às interações sociais e ao ambiente em que a criança vive, o que reforça a necessidade de compreender o impacto das redes sociais em realidades diversas.

Para garantir a consistência dos resultados apresentados neste trabalho, foram adotados alguns procedimentos, que incluíram uma análise crítica das fontes coletadas e a integração de perspectivas teóricas. Além disso, a inquietação em torno do tema da adultização infantil nos instiga à uma reflexão permitindo uma visão crítica sobre a influência das redes sociais digitais no desenvolvimento infantil. Esse processo resulta na elaboração de um texto acadêmico que visa contribuir significativamente para a formação acadêmica e estudo científico.

Além das análises bibliográficas, esta pesquisa utilizou uma abordagem de caráter exploratório, permitindo um olhar mais sensível e interpretativo sobre as manifestações de adultização observadas no cotidiano das crianças. A metodologia de cunho qualitativo é apropriada para compreender fenômenos sociais complexos, como o impacto das tecnologias

digitais, uma vez que busca interpretar significados e percepções em vez de apenas mensurar dados. Dessa forma, a investigação foi estruturada a partir da leitura crítica de diferentes autores, seguida de uma sistematização de ideias que possibilitaram identificar convergências e divergências nas concepções teóricas acerca da temática.

A pesquisa bibliográfica foi complementada com reflexões baseadas em vivências e observações informais, realizadas em contextos escolares e familiares, nos quais se percebe a influência direta das redes sociais sobre o comportamento das crianças. Essa aproximação prática reforçou a relevância do tema e evidenciou a necessidade de estudos que articulem teoria e prática no campo da Educação. Além disso, possibilitou compreender que a presença constante de tecnologias digitais transforma não apenas os modos de brincar e aprender, mas também as formas de se relacionar e de se perceber como sujeito.

Por fim, essa escolha metodológica também reforça o compromisso científico de promover uma reflexão crítica reflexiva sobre os desafios diários que atravessam a infância e a educação, buscando contribuir para práticas mais humanizadas e conscientes no uso das tecnologias digitais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os autores que contribuíram para este trabalho desempenharam um papel fundamental no aprofundamento da compreensão da temática que, apesar de ser um assunto atual, envolve uma vasta gama de discussões relevantes para o debate. A mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade e especialista em Neurociência, Cristiane Guedes (2023), destaca a importância de respeitar o desenvolvimento adequado da criança em sua fase específica, alertando para os efeitos prejudiciais da adultização precoce. Ela enfatiza como essa vivência pode comprometer o desenvolvimento emocional e psicológico da criança, refletindo negativamente em sua vida adulta.

Aguiar, Araújo e Niebuhr (2019), contribuíram também, significativamente, para ampliar esta discussão, ao explorar questões relevantes sobre o desenvolvimento psíquico de crianças e adolescentes, especialmente no que tange à exposição de conteúdos inadequados para suas faixas etárias. Os autores destacam que, quando os indivíduos em processo de formação cognitiva e emocional têm acesso a materiais que fogem dos limites de sua compreensão e maturidade, há riscos substanciais para o desenvolvimento saudável da psique. Particularmente no contexto da sexualidade.

De maneira semelhante, Heywood (2004) ressalta a relevância do papel da escola, da família e da sociedade nesse processo de transição precoce, enfatizando as implicações culturais, sociais e psicológicas desse fenômeno. Esse ponto se alinha com o que é disposto pelo Art. 4º da Lei Nº 8.069 | Estatuto da Criança e do Adolescente, de 13 de Julho de 1990, onde estabelece que:

"É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária".

Assim, o entendimento da responsabilidade coletiva em proteger e promover começando na família e reforçando na sala de aula proporcionando o desenvolvimento saudável das crianças é fundamental para enfrentar os desafios da adultização precoce e garantir uma infância plena e equilibrada.

Buckingham (2007) enfatiza a necessidade de um cuidado rigoroso na seleção de conteúdos destinados a adultos, que frequentemente se tornam acessíveis a crianças, salientando que muitos desses materiais não respeitam as faixas etárias apropriadas para o seu consumo. O autor argumenta que a exposição precoce a determinados conteúdos, inadequados para a maturidade cognitiva e emocional das crianças, pode ter impactos negativos no seu desenvolvimento psíquico e social. Nesse contexto, Martins (2019) amplia essa discussão ao ressaltar o papel fundamental da família na mediação do uso das redes sociais e na compreensão dos efeitos que o excesso de exposição digital pode acarretar. Segundo Martins, os pais e responsáveis devem estar atentos supervisionando não apenas ao conteúdo consumido, mas também ao impacto emocional que o uso intensivo das redes sociais pode provocar nas crianças e adolescentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A coleta de dados para este trabalho foi realizada por meio de uma pesquisa qualitativa, que busca compreender fenômenos de forma mais profunda e subjetiva. Foram utilizadas observações em estágio não curricular, observações de crianças em ambientes familiares e análises de conteúdos publicados nas redes sociais, como vídeos e fotografias de crianças que produzem conteúdos digitais. Além disso, artigos científicos e produções acadêmicas foram fundamentais para a construção teórica deste estudo, oferecendo subsídios que possibilitaram uma análise mais consistente e reflexiva sobre o uso das mídias digitais por crianças e adolescentes.

Essa abordagem metodológica permitiu explorar as experiências, percepções e comportamentos das crianças, fornecendo uma compreensão detalhada sobre as implicações do consumo excessivo de conteúdos digitais. Por meio da análise das fontes teóricas e empíricas, foi possível identificar a presença de comportamentos que refletem a adultização precoce, marcada pela exposição a conteúdos que não correspondem à maturidade cognitiva e emocional infantil.

Outro aspecto relevante identificado nesta pesquisa é a influência das mídias digitais na formação de valores e percepções de realidade das crianças. As redes sociais, ao apresentarem padrões de beleza, consumo e comportamento, acabam moldando a forma como as crianças compreendem o que é ser aceito socialmente. Essa exposição constante a modelos idealizados, muitas vezes inatingíveis, pode gerar frustrações, baixa autoestima e até sentimentos de inadequação, pois as crianças passam a se comparar com figuras que não refletem o cotidiano real. Essa questão demonstra que o uso desregulado das redes sociais transcende o simples entretenimento, afetando dimensões psicológicas e emocionais profundas.

Além disso, foi possível observar que a presença cada vez mais precoce das crianças nas plataformas digitais cria uma relação de dependência tecnológica, na qual o tempo de tela se sobrepõe a atividades essenciais para o desenvolvimento infantil, como o brincar livre, o convívio social e o aprendizado pela experiência concreta. Vygotsky (2007) já afirmava que o desenvolvimento cognitivo ocorre a partir da interação com o outro e com o ambiente, o que reforça a preocupação de que o excesso de tempo em ambientes digitais reduza as oportunidades de aprendizado por meio da vivência e da imaginação criativa.

Os dados analisados indicam que, embora as redes sociais possam ser instrumentos de aprendizado e socialização, o uso sem orientação tende a contribuir para uma maturação emocional antecipada e artificial. Essa adultização é percebida não apenas nos comportamentos, mas também na linguagem, nas vestimentas e nas atitudes que as crianças passam a reproduzir. Guedes (2023) aponta que esse processo compromete a autenticidade da infância, substituindo brincadeiras espontâneas por práticas que imitam o universo adulto, o que pode comprometer a formação da identidade.

Outro ponto importante é a influência dos chamados “influenciadores mirins”, que conquistam grande visibilidade nas redes sociais. Esses perfis, muitas vezes administrados por adultos, apresentam um conteúdo que mistura inocência e maturidade, provocando confusão entre o público infantil sobre o que é adequado ou não para sua idade. Essa exposição pode ainda gerar pressões comerciais e emocionais, pois a criança passa a se ver como um produto de imagem, o que fragiliza o desenvolvimento de uma autoestima saudável e natural.

Portanto, os resultados desta pesquisa revelam que a ausência de acompanhamento parental e a falta de políticas públicas voltadas para o uso consciente das tecnologias contribuem para o agravamento da adultização infantil. A escola e a família precisam atuar de forma colaborativa, estabelecendo limites e promovendo o diálogo sobre o que é visto nas redes sociais. Dessa maneira, o combate à adultização infantil deve partir de uma ação conjunta, que envolva a conscientização, a educação digital e a criação de espaços de convivência que estimulem o desenvolvimento integral da criança.

Autores como Guedes (2023) destacam que a exposição precoce a conteúdos voltados ao público adulto pode afetar negativamente a saúde mental das crianças e adolescentes, acelerando processos de desenvolvimento físico e psicológico para os quais eles ainda não estão preparados. Crianças conectadas às redes sociais estão suscetíveis a diversos tipos de estímulos e influências, incluindo a sexualização precoce, que tem se tornado cada vez mais presente nos conteúdos digitais atuais. Muitos desses materiais são produzidos com técnicas específicas de edição e filtragem, de modo a minimizar a percepção explícita de sexualização, mas ainda assim mantêm padrões estéticos e comportamentais inadequados para essa faixa etária.

Os pais e responsáveis, em especial, configuram-se como agentes fundamentais nesse processo, uma vez que exercem influência direta sobre o tempo de exposição, o tipo de conteúdo acessado e as orientações dadas às crianças em relação ao uso consciente da internet. A escola também pode fazer parte desse combate ao acesso precoce as redes sociais, principalmente em relação aos adolescentes e jovens, limitando o acesso há aparelhos eletrônicos dentro do ambiente escolar e fornecendo formações aos alunos, que ressaltam a importância de usar os meios eletrônicos com consciência e responsabilidade.

Os resultados obtidos reforçam que a pesquisa qualitativa se mostrou eficaz para compreender os impactos sociais e psicológicos decorrentes do uso excessivo das mídias digitais, além de evidenciar o papel central da família, da escola e da sociedade no enfrentamento dos desafios impostos pela era digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seguinte pesquisa permitiu compreender que a inserção precoce das mídias digitais no cotidiano infantil tem provocado mudanças significativas no processo de desenvolvimento das crianças, especialmente no que se refere à construção da identidade, das relações sociais e da percepção de mundo. A análise teórica e crítica desta pesquisa apontam que o fenômeno da

adultização infantil está diretamente relacionado à exposição precoce a conteúdos e comportamentos próprios da vida do “adulto”, desta forma, tem interferido nas etapas naturais do desenvolvimento emocional, cognitivo e social.

Os resultados obtidos reforçam as reflexões de Guedes (2023), Vygotsky (2007), Buckingham (2007) e outros autores que destacam a importância de respeitar e proteger as fases do desenvolvimento infantil, e qual a importância dos pais e responsáveis para a limitação desse acesso às redes digitais. Sendo assim, a pesquisa reafirma também, o dever das instituições escolares e a importância da mediação no ambiente escolar para que não favoreça a assimilação de padrões comportamentais e valores que não correspondem à maturidade psíquica e emocional das crianças.

Nesse contexto, é evidente a necessidade de um olhar preventivo sobre o uso das redes sociais por crianças e adolescentes e através deste olhar que, que questionamentos possam vir a surgir. A família, a escola e a sociedade, devem caminhar juntas para o bem-estar e proteção das nossas crianças e adolescentes e com o que estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente, devem atuar de forma colaborativa na promoção de práticas educativas que estimulem o uso consciente e crítico das tecnologias digitais.

Diante das reflexões apresentadas, é possível afirmar que a sociedade contemporânea enfrenta o desafio de equilibrar os avanços tecnológicos com a preservação da infância. O fenômeno da adultização, embora esteja cada vez mais visível, ainda carece de estratégias efetivas de enfrentamento. Essa realidade demanda ações integradas entre escola, família e poder público, para que as crianças possam usufruir dos benefícios da tecnologia sem comprometer seu desenvolvimento emocional e social.

É importante reconhecer que o uso das redes sociais não deve ser totalmente proibido, mas sim mediado e orientado. A presença de adultos responsáveis, tanto na família quanto na escola, é essencial para guiar as crianças na construção de uma relação saudável com o mundo digital. A mediação consciente possibilita transformar as redes sociais em ferramentas educativas, capazes de ampliar o conhecimento e estimular a criatividade, desde que utilizadas de forma equilibrada e adequada à idade.

Recomenda-se, ainda, que novas pesquisas aprofundem a análise do impacto psicológico das redes sociais sobre as crianças, especialmente em relação à autoestima, à imagem corporal e ao comportamento social. A abordagem interdisciplinar, envolvendo áreas como Psicologia, Educação e Comunicação, pode ampliar a compreensão desse fenômeno e auxiliar na criação de políticas e práticas pedagógicas voltadas à educação digital.

Em síntese, este estudo reforça a necessidade de repensar o papel da tecnologia na infância, promovendo uma cultura digital responsável e humana. Preservar a infância significa permitir que as crianças vivam plenamente suas etapas, com liberdade para brincar, imaginar e construir suas próprias experiências. A consciência coletiva sobre essa responsabilidade é o primeiro passo para a formação de uma geração que use as tecnologias com sabedoria, sem perder a essência do “ser” criança.

Conclui-se que, embora as mídias digitais representem importantes ferramentas de acesso à informação e de socialização, porém, seu uso sem orientação principalmente entre crianças e também adolescentes, pode comprometer o desenvolvimento integral infantil. Assim, é imprescindível que políticas públicas, programas escolares e ações familiares sejam direcionados à construção de uma cultura digital responsável, capaz de garantir o equilíbrio entre os benefícios da conectividade e a preservação das vivências próprias da infância.

REFERÊNCIAS

Brasil. Estatuto da Criança e do Adolescente | LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990, **JUSbrasil**, 2024.

Buckingham, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Ed. Loyola, 2007.

Guedes, Cristiane; **Adultização Infantil**. Revista APPAI EDUCAR, Edição 147, pagina 31, 2023.

Heywood, Colin. **Uma história da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 21-47.

Martins, Renata Soares. **Entre Curtidas No Instagram: A Exposição De Crianças Nas Redes Sociais e as Possíveis Consequências ao Desenvolvimento Infantil**. Disponível em: [https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/7135/2/Disserta%
artins_PPGPSI.pdf](https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/7135/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o_RenataMartins_PPGPSI.pdf) . Acesso em: 08 mar. 2025

Vygotsky, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução de Márcia S. G. Costa. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Vygotsky, LS (1984). Mente na Sociedade: O Desenvolvimento de Processos Psicológicos Superiores. Harvard University Press:
<https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/91764/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-lei8069-90>